

O dilema multicultural

De: Lorenzo G. Macagno

O dilema multicultural. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná; Rio de Janeiro: Graphia, 2014

Por: Mário Henrique Castro Benevides

Doutor em sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor Adjunto do Instituto de Humanidades e Letras, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Trabalha com pesquisas nas áreas de pensamento e teoria social, história das ideias políticas, sociologia do discurso público e narrativas e trajetórias nas ciências humanas.

Endereço eletrônico: mario.castro@unilab.edu.br

A curiosidade antropológica acerca do miscível e o imiscível culturais nos lembra Geertz (2003); reside, pelo menos no início, na longa trajetória das interpretações nascidas no (ou por causa do) mundo europeu – interpretações sobre encontros e sobre as resistências dos Outros para com o *ser-e-fazer* do Ocidente. É importantíssimo, contudo, afirmar que temas como o multiculturalismo das existências e o pluralismo de sentidos e falas, vem despertando lugar e mitologia dentro do desenvolvimento de antropologias não européias, como um fôlego filosófico que reside na vontade de pensar as diferenças e as convivências destas sem ingenuidades ou esquematizações inócuas. O livro de Lorenzo Macagno enquadra-se neste esforço de respiração.

Em *O dilema multicultural* temos um passeio analítico cujos fundamentos apontam longas viagens de observação: uma série de inserções e ampliações na e da experiência de pensar as conexões culturais e seus usos conceituais pela pesquisa social. O trabalho nos apresenta, em um primeiro resumo, um conjunto de tratamentos e apontamentos sobre ideias centrais

do debate antropológico e sobre os limites das mesmas quando confrontadas com a prática histórica presente e dos universos sociais. Macagno traz aqui sua ampla experiência nos estudos do pensamento antropológico e suas relações com os cenários coloniais e os mundos por eles afetados. O autor estabelece a busca por uma discussão das vivências e sobrevivências do multiculturalismo, dentro de uma problemática a ele associadas e nele presentes – organicamente ou não. O livro reúne seis ensaios, cujos temas e abordagens prometem unidade dialógica, sondando mais de uma relação entre o político e o cultural. Relações essas que vão das falas de chefes de Estado europeus e suas implicações no debate a respeito e contra o multiculturalismo, até a difícil investida teórico-crítica acerca dos horizontes recentes de inferências sobre a África e seus próprios dilemas, pluralizados em sua própria diversidade continental.

O multiculturalismo tem despertado debates na esfera metodológica, já que implica uma interpretação que não foge do escopo das grandes narrativas – intensa ironia que atíça os paradoxos de estudos de micro-universo localizados. Aparece, assim, nas discussões das ciências sociais desdobradas sobre o cenário internacional e internacionalizado das “globalizações” e dos pós-colonialismos. Discuti-lo tem sido uma forma de repensar o “local da cultura” (BHABHA, 1998) como expressão de injunções de muitos locais simbólicos, de muitas invenções socializadas e incontáveis disputas de auto-imagens políticas. É nesse sentido que a necessidade de fundamentar uma leitura contínua sobre o fazer antropológico, no plano conceitual guia a estrutura da obra aqui discutida. Essa necessidade – espécie de especialidade teórica *sobre a aventura teórica* – aparecerá recortada nos moldes dos seis capítulos ricamente dialógicos. Simultaneamente, esse mesmo índice produz uma série de temas correlatos, agitados pela percepção de que o tema em movimento é, sem ironia, uma forma de hermenêutica dos encontros reflexivos – reais ou fantasiados.

No primeiro capítulo, “Genealogia do racismo”, o autor começa a escavação conceitual que julga necessária para atingir o problema que aborda: toma com atenção a arqueologia de Michel Foucault e busca nas rotas que dele emergem entendimentos sobre o processo de consolidação discursiva dos racismos na modernidade. O ensaio atravessa a história e a filosofia historicamente inspirada para tratar da antropologia e de um de seus luminares: o racismo e o etnocentrismo como vertentes da identidade e da violência identitária. Cruzando esse debate conceitual antropológico que aborda e desnaturaliza as afirmações acerca da raça, do grupo e das apropriações coletivas sobre o que é o *Nós*, Macagno infere que as distinções práticas entre racismo e etnocentrismo merecem maior recorte.

O capítulo seguinte, “As ilusões da nação”, é uma retomada do conceito pensado a partir das experiências da imigração, do patriotismo e da identidade. Neste ponto, seu exame dos antropólogos em sua ruptura patriótica e em sua alteridade metodológica é um exercício importantíssimo de *antropologia da antropologia*. Ao mesmo tempo, Macagno lança mão de uma afirmativa pouco afável para as discussões contemporâneas: a vulnerabilidade do multiculturalismo estaria emergindo frente ao renascimento das narrativas nacionais, prometidas e engajadas pelo novo século, marcadas pelos atentados de seu primeiro setembro. Ainda assim, o ensaio mantém a coerência temática da obra.

Em “Do pós-modernismo ao multiculturalismo”, terceiro ensaio do livro, temos uma apresentação das relações históricas entre os dois conceitos; empreitada de análise que abre a compreensão acerca de parentescos marcantes na leitura do século XX sobre mudanças no plano da cultura. Aliás, aqui encontramos uma interpretação densamente politizada dos aspectos do cultural como instância da modernidade: Lorenzo Macagno lista interpretações do moderno e pós-moderno como facetas móveis de ideias que passaram a animar e conviver com o “espírito” dos hibridismos multiculturais.

O quarto capítulo parece ser o coração do trabalho analítico. “As peripécias do multiculturalismo” é um tratado em síntese dos dilemas da ferramenta conceitual que ele é – bem como da dinâmica histórica e interacional que ela busca representar. Aqui vemos o vigor autoral em intenso diálogo bibliográfico e teórico – amparado pela preparação que o espírito contextual da primeira parte do livro inspira. A antropologia, desafiada pelas significações de seu fazer dúbio – eurocentricamente nascida e pluralmente incorporada pelo século XX – é personagem central deste enredo, ainda que inserida em debates como os da filosofia política que a ladeiam. Liberalismo, “reconhecimento”, identidade e questões *fronteiriças* (sob o prisma epistemológico) são ideias presentes e tratadas como uma trilha explicativa. Por meio dela, o autor nos leva a um passeio por uma nova genealogia dos impasses multiculturais.

O quinto capítulo é uma sequência orgânica do anterior: atravessando a dinâmica dos dilemas multiculturais e nacionais em África, temos Macagno como narrador de experiências macro-históricas fundamentais; o livro caminha por um entendimento da etnicidade e de seus problemas, bem como por sobre o nacionalismo permanentemente pautado em sua lógica. Assim, “O triculturalismo da nação” parece abrir caminho para o encerramento de uma análise massiva das questões trabalhadas desde o começo do livro.

O ensaio final, intitulado “Multiculturalismo na África?”, é mais um exercício de produção de dúvidas do que de vigília teórica. Ele examina

o tribalismo, a língua, a etnicidade e a condição destas em contextos de independências políticas e simbólicas produzidas sob muitas camadas, à luz das histórias intercaladas do continente africano. Num último fôlego de questionamento, temos Macagno apontando as diferenças temporais entre o tempo real da cultura e os tempos divergentes da política e das políticas culturais. A necessidade de compreender essa diferença é uma proposta significativa de tratamento do multiculturalismo como fenômeno prático, de tempo prático, no qual longa duração e necessidades imediatas precisam ser percebidas como perspectivas distintas do ponto de vista dos que pensam os cenários sociais.

Que balanço fazer? A dinâmica semi-dependente dos capítulos faz de *O dilema multicultural* um desafio relacional: lido de modo linear ele transparece uma organização editorial feliz. Mas lido em suas fragmentações aparentemente propositais, os ensaios trazem uma riqueza de conexão maior; eles encaminham o leitor para diferentes formas de associação entre os problemas e veredas apontadas. Como diria Barthes (1987), a escrita trabalha em um sentido de *fenda* e a leitura não deixa de ser um modo de mapeamento de seus contornos e profundidade. Em uma prosa amparada pela literatura antropológica e histórica, e articulada com um teor multidisciplinar nas referências, Macagno convida-nos a atravessar temas como a formação nacional e o racismo prático do cotidiano; instrumentos-guia para uma revisão dos dilemas ontológicos que orbitam as questões multiculturais e seus signos. A revisão da narrativa antropológica e os usos conceituais desta permeiam o trabalho, estabelecendo um diálogo claro com o *modus vivendi* do pensamento da pesquisa social – a fim de, substancialmente, recortá-lo e colocá-lo à prova. A pergunta seminal e invisível substiste: de que formas o multicultural é operado e de que maneiras ele deu vida a um ideal-processo como o multiculturalismo?

Macagno nos adverte para os perigos em atenuar um conceito de substância política – nos moldes de Anthony Appiah (1997). Ao longo do livro, temos exemplos históricos e caminhos de reflexão teórica que demonstram a diversidade dos poderes que atuam frente à ideia – e a rede de relações – do multicultural. Seu esforço ao argumentar que a prática da dessencialização conceitual na antropologia é uma necessidade, mas também um risco, é central para o entendimento deste trabalho. Ao mesmo tempo que apresenta esse exercício de perceber os limites das noções adjetivadoras da cultura (como “inventadas”, “imaginadas” ou “híbridas”) ele reconhece a dificuldade de negligenciar estes artifícios de designação e análise.

É válido ainda dizer que *O dilema multicultural* trata da resistência, nas ciências sociais, para reorganizar a *mudança* como objeto. Em sua linha fundamental, o livro recupera os acessos teóricos e as encruzilhadas de método da antropologia cultural e da história social para dispor de suas fragilidades epistemológicas: fragilidades manifestas na própria condição-dilema de se pesquisar o Outro em seus fluxos – a multiplicidade na cultura e a cultura dentro das políticas de identificação, de sociabilidade, de nação e etnicidade. É, sob este crivo, um estudo da racionalidade na antropologia. Uma racionalidade dubiamente desafiada por sua necessidade de redimensionar o racional para tratar de assuntos do simbólico.

BIBLIOGRAFIA

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 1998.

GEERTZ, Clifford. *O saber local*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.